

Wätunnä: a força de uma profecia ye'kuana

Wätunnã: the strength of a ye'kuana prophecy

Karenina Vieira Andrade*

Resumo: O ciclo de histórias *Wätunnä* narra eventos do passado atemporal, mas também contém o que chamo de “profecia”, que narra o futuro do povo Ye'kuana e preconiza sua morte cultural, estágio necessário antes do início de um novo ciclo que reserva aos Ye'kuana a posição de líderes e detentores de todo conhecimento existente. Essa ética, revelada pela análise de *wätunnä*, informa as incursões Ye'kuana nesse mundo. O caráter fatalista da profecia de *wätunnä* confere agencialidade plena aos Ye'kuana que optaram por assumir seu destino e passaram a desenvolver estratégias para lutar em defesa de seu *ethos* com as mesmas ferramentas que simbolizam o seu fim. Esse aparente paradoxo emana da própria natureza de *wätunnä* que, embora decreta a morte cultural dos Ye'kuana, os incita a se preparar para o renascimento, fazendo jus à posição que ocuparão no novo ciclo.

Palavras-chave: Povos Caribe; Cosmologia; Relações interétnicas.

Abstract: The *Wätunnä* tales tell both events from an atemporal past and foresee future or what I term 'tell prophecies'. At the same time, they are concerned with the cultural death of the Ye'kuana, an indispensable stage before the onset of a new cycle, in which the Ye'kuana will occupy the position of leadership and hold the possession of all knowledge. These ethics are revealed in the analysis of the *Wätunnä* stories. It is precisely these ethics that give shape to the Ye'kuanas' incursions into the world. The fatalist dimension of the *Wätunnä* prophecy endows the Ye'kuana's with the position of true agents who have chosen to take their destiny into their own hands, and have developed strategies to defend their *ethos* with the tools that at the same time symbolize their end. This apparent paradox stems from the very nature of the *Wätunnä* cycle which officializes the cultural death of the Ye'kuana as well as encourages them to prepare for a rebirth and thus legitimize their position in the new cycle.

Key-words: Karib-speaking people; Cosmology; Interethnic relations.

* Professora e pesquisadora
colaboradora, bolsista
PRODOC/CAPES,
Departamento de
Antropologia/Universidade
de Brasília. Endereço
eletrônico.
karenina@unb.br.

Os Ye'kuana

A chegada dos grupos Caribe à área conhecida como Maciço Guianense data de, provavelmente, um século antes da conquista (Barandiarán, 1974). Esses grupos foram se espalhando e dispersando os povos Aruak que viviam na região. A primeira área povoada pelos Ye'kuana, cuja língua é identificada como da família Caribe, foi, provavelmente, nos tributários a nordeste do Rio Padamo, local ainda hoje por eles habitado (Lauer, 2005). Já no século XVIII, grupos Yanomami invadiram o território ye'kuana vindos do sul. Os Ye'kuana se dispersaram graças a um vazão criado com a pacificação de grupos Kariña (Arvelo-Jiménez, 1974; Amodio *et alli* 1991). Já no século XX, as batalhas do passado com os Yanomami deram lugar a uma hostilidade velada que ainda hoje marca as relações tanto dos Ye'kuana no território venezuelano quanto no Brasil com os vizinhos Sanumá, subgrupo Yanomami (Ramos, 1980).

O primeiro registro de contato com os Ye'kuana data de 1744, na Venezuela, quando o Jesuíta Manuel Román os encontra durante sua expedição à bacia do Orenoco, quando acabou por descobrir o canal Casiquiare, que liga esse rio ao Amazonas. As penetrações e reduções, entretanto, só começaram nessa região em 1756 (Arvelo-Jiménez, 1974b). No Brasil, não há uma data exata, mas provavelmente o contato se deu nos anos 1950, quando os Ye'kuana encontraram um grupo de, região no extremo norte do Estado de Roraima, habitada pelos Ye'kuana e Sanumá.

Na Venezuela, os Ye'kuana ficaram conhecidos como Makiritare (termo de origem Aruak), enquanto, no Brasil, eram chamados Maiongong, de origem incerta (Ramos, 1980). Ye'kuana é o termo pelo qual o grupo se autorrefere como um todo, embora existam algumas variações, na Venezuela, de acordo com a localização da aldeia. Enquanto os habitantes dos rios Caura e Paragua se chamam Ye'kuana, os povos da cabeceira (rios Ventuari, Cunucunuma, Padamo e Cuntinamo) se dizem Ihuduana. Os que habitam o Alto Orenoco consideram-se os descendentes dos verdadeiros Ye'kuana e se chamam De'kuana (Medina, 2003; Jiménez e Arvelo-Jiménez, 2001).

Arvelo-Jiménez (2001b) divide em três grandes áreas o território ye'kuana na Venezuela: a região do alto Rio Orenoco e seus afluentes, do Rio Ventuari e do Rio Caura e seus afluentes. Em censo de 1992, estimava-se a população ye'kuana, na Venezuela, em 4.472 pessoas espalhadas em 59 aldeias, das quais 37 estão localizadas no Estado Amazonas e 22 no Estado Bolívar. No Brasil, eles são cerca de 400, vivendo em três aldeias, duas ao longo do rio Auaris, *Fuduwaaduinha* e

Tajädedatänha (também conhecida como Pedra Branca), e uma no Uraricoera, conhecida como Waikás. A população de Waikás, fundada em 1984 por um ramo dissidente de Fuduwaaduinha, é de cerca de 60 pessoas; Pedra Branca, na cabeceira do Rio Auaris, é composta por uma velha viúva e suas duas filhas, uma das quais solteira já madura, com uma filha adolescente, e outra com o marido e filhos, perfazendo um total de 13 pessoas. Descendo o rio, a cerca de oito horas de motor de popa (aí incluídas quase duas horas de caminhada num trecho não navegável) chega-se a *Fuduwaaduinha*, a maior das três comunidades, com 282 habitantes¹.

Fuduwaaduinha

A maior aldeia ye'kuana do lado brasileiro, Fuduwaaduinha, localiza-se na margem esquerda do Auaris, a 280 milhas aéreas de Boa Vista (cerca de 450 km), capital do Estado de Roraima. Assim como as outras duas aldeias ye'kuana em território brasileiro, está no interior da Terra Indígena Yanomami, ironicamente nomeada pelos invasores de seu território tradicional. Fuduwaaduinha fica a apenas alguns minutos de canoa a motor da pista de pouso, onde estão o 5º Pelotão Especial de Fronteira, as instalações da Funasa, o posto da Funai e uma aldeia Sanumá, onde há instalações da Missão Evangélica da Amazônia – MEVA.

Nos anos 1960, os Ye'kuana viviam onde hoje está a aldeia Sanumá, nas proximidades da pista de pouso. Durante um período, ambas as etnias conviveram em aldeias quase contíguas, mas os Ye'kuana se mudaram, primeiro para um local a apenas dez minutos de caminhada da missão, em 1974, e, no ano seguinte, desceram ainda mais, construindo suas casas a cerca de cinquenta minutos de caminhada da missão, a jusante de Auaris (Ramos, 1980). A aldeia ganhou o nome que ainda hoje conserva, pois nas localidades que ocupou na margem direita, era cortada pelo igarapé Fuduwaadu.

Em 1989, os Ye'kuana se mudaram mais uma vez, construindo suas casas na outra margem do rio, à esquerda, sempre buscando uma distância dos brancos e Sanumá de Auaris que lhes permitisse um mínimo de privacidade. Hoje a aldeia é composta de 22 residências, uma casa de festas e reuniões, dois prédios onde funcionam a escola, uma farmácia e posto de atendimento de saúde, uma casa que serve de alojamento aos funcionários da Funasa e a casa da MEVA, onde vive a

missionária, professora que trabalha com os Ye'kuana intermitentemente, desde 1983. As casas abrigam arranjos familiares que variam desde família nuclear a família extensa de até três gerações (um casal, filhos solteiros de ambos os sexos e filhas casadas com seus respectivos filhos). A configuração desses arranjos domésticos varia conforme a fase do ciclo doméstico em que se encontram.

A população ye'kuana no Brasil tem apresentado alta taxa de crescimento nas últimas décadas. Em 1974 eram 100 pessoas (Ramos, 1980), hoje são 342 se somarmos a população de Fuduwaaduinha e Waikás (lembrando que, em 1974, os moradores de Waikás ainda viviam em Auaris). Em 2004, a população de Fuduwaaduinha era de 252 pessoas (Funasa, Censo População Ye'kuana Auaris, 2004), passando a 268 em 2005 e 282 em 2006, o que significa uma taxa de crescimento anual de 6,35% para 2005 e 5,22% para 2006. Para se ter uma idéia, a média de crescimento anual da população brasileira é de 1,63% ao ano (Fonte: IBGE, Censo 2000).

As roças ye'kuana fornecem a base da alimentação. Dentre as espécies cultivadas destaca-se a mandioca-brava, processada na forma de beiju e farinha. Outras raízes e algumas frutas complementam a dieta, e produtos como cará, batata-doce, inhame, milho, abóbora, cana-de-açúcar, vários tipos de banana, abacaxi, pimenta e tabaco são encontrados nas roças ye'kuana. A coleta de frutos como a pupunha e um tipo de caju silvestre é sazonal. Nas imediações das casas são plantadas frutas como laranja, limão e mamão. A pesca, antes de caráter complementar, hoje ajuda a preencher, ainda que pobremente (apenas peixes pequenos são pescados nessa região de cabeceiras), a escassez crescente de caça. A população sanumá da região de Auaris hoje está em torno dos 1.500 indivíduos, em cerca de 30 aldeias, o que, aliado ao uso de armas de fogo, tem contribuído para a ausência de animais de caça. Entre os animais consumidos pelos Ye'kuana incluem-se veados, pacas, queixadas, antas e alguns pássaros como mutum, tucano, arara, inambu e jacamim, dentre outros.

O poder político em Auaris está dividido entre dois irmãos, tuxaua e vice-tuxaua, e o conselho formado pelos homens maduros. Nenhuma decisão é tomada pelos líderes sem que o conselho seja consultado. Outrora, os líderes religiosos ou pajés, os *fõwai*, também tinham grande status na comunidade. Hoje, não existem mais pajés em Fuduwaaduinha.

A profecia

O povo Ye'kuana está destinado a desaparecer. Nós, Ye'kuana, vamos nos misturar com os brancos e será o começo do fim. Na realidade, já não existem mais Ye'kuana de verdade. Estamos misturados com Maaku e Mawiisha. Nós fizemos guerra com eles, roubamos suas crianças e mulheres e nos casamos com elas. A língua Ye'kuana não é mais a língua dos antigos, a verdadeira língua. Está repleta de palavras estrangeiras, dos Maaku e Mawiisha. Agora, nós vamos nos misturar com os brancos.

Os antigos pajés nos contaram como tudo iria acontecer. Os brancos chegarão com suas armas, aviões, livros. Os Ye'kuana aprenderão a língua deles e então começará o fim deste ciclo. Já falamos o português, nossos parentes na Venezuela falam espanhol. Os brancos estão por todos os lados, em nossas terras e ao nosso redor. O fim desta era, como nos disseram nossos föwai, já está em curso. Os brancos trouxeram doenças e, depois, remédios. Fomos deixando de lado nossos próprios medicamentos. A escola chegou, nossas crianças estudam a história dos brancos e esquecem nossa própria história. Os jovens não sabem mais o que os antigos sabiam, fazer canoas, ralos, preparar remédios, cantar e dançar para celebrar os ensinamentos de Wanaadí?

Os antigos föwai viram tudo e nos contaram. Somente um föwai é capaz de deixar seu corpo e viajar até o futuro. A chegada dos brancos ao território Ye'kuana marcará o fim deste ciclo e o início de um novo. Cada vez mais nos misturaremos aos brancos e deixaremos de ser Ye'kuana. Nós seremos os primeiros a acabar, antes do fim deste mundo. Wanaadi poupará seu povo do sofrimento final. Os brancos ficarão na terra e sofrerão até o fim.

Primeiro, perderemos nossa cultura, nossa história. Esqueceremos nossa língua casando com os brancos e adotando seus valores, sua língua, sua cultura. Os Ye'kuana vão se misturar cada vez mais, até que não haja mais nenhum, somente filhos de Ye'kuana com brancos. O pessoal vai esquecer como se faz artesanato.

O sol, criado por Wanaadi para vigiar esta terra, está assistindo tudo lá de cima. Wanaadi sempre pergunta a ele, então, ainda há beiju secando?³ O sol responde que ainda há. O sol sempre vê se há beiju aqui na terra, secando, para saber se ainda há so'to⁴. Quando não houver mais beijus secando ao sol é porque não há mais Ye'kuana. Por isso, as mulheres sempre colocam beiju ao sol, em cima dos telhados das casas, para que sequem. Chegará o dia em que Wanaadi chamará o sol mais uma vez e este dirá: acabaram-se os beijus, e então Wanaadi saberá que os Ye'kuana acabaram. Ele enviará o sol para queimar a terra. Depois, virá o dilúvio e a água cobrirá tudo. Quando a chuva cessar e

a terra secar completamente, um novo ciclo será iniciado. Wanaadi chamará de volta os que morreram. No novo mundo não haverá cobras, doença, brigas, nada de ruim. Todos viverão bem.

Existem muitos sinais que indicam que o fim está cada vez mais próximo. Os antigos diziam: quando os brancos trouxerem escola, vocês perderão a vida de Ye'kuana. Catástrofes e guerras ocorrerão pelo mundo.

Quando este mundo acabar, lua e estrela morrerão também, cairão do céu aqui na terra. Durante muito tempo, nada irá acontecer, até quando Wanaadi retornar à Terra⁵. Os velhos voltarão jovens, não haverá mais doenças, tudo será novamente como foi um dia. Odo'sha⁶ morrerá junto com este mundo. Cajushäwa morrerá. Por isso, Wanaadi mandará o dilúvio depois do fogo, para matar Odo'sha, que vive em cavernas. Não restará mais nada.

Há uma serra perto do Rio Cuntinamo onde estão os filhos de Wanaadi. Eles sairão depois que a terra secar. Hoje, quando passamos por lá, é possível ouvi-los de dentro da montanha, mas não podemos vê-los. Quando o novo ciclo começar, os Ye'kuana retornarão como senhores desta terra. Os brancos sofrerão como sofrem os índios hoje. Eles tiveram sua chance e fizeram tudo errado, não seguiram os ensinamentos de Wanaadi. É chegada a hora do povo Ye'kuana.

Wätunnä

O ciclo de histórias *wätunnä* se encerra com a profecia narrada acima, quando o mundo existente dará lugar a um novo mundo e ao início de um novo ciclo. Podemos dizer que *a profecia* é o último ato de um espetáculo sempre inacabado porque, como um moto contínuo, nunca se encerra. Prova disso é que, segundo contam os sábios e historiadores ye'kuana, este não é o primeiro ciclo, mas o terceiro. Houve outras duas tentativas de criar um mundo povoado por seres que estivessem à altura de representar na terra o reino celeste de Wanaadi, mas este, insatisfeito com o resultado, destruiu-os pouco depois de sua criação.

“Você pode ficar dez anos escutando *wätunnä* todos os dias, cada dia uma história diferente, e não vai escutar tudo. Tem muita história, não acaba nunca”, repetiam-me diversos homens com os quais eu conversava no início da pesquisa⁷. Apesar de deixarem claro o papel crucial de *wätunnä* em suas vidas, só é possível perceber a real dimensão do que isso significa quando convivemos cotidianamente e por um período de tempo prolongado em uma comunidade ye'kuana. De onde vêm os nomes pessoais ye'kuana? *Wätunnä*. Onde se aprende a construir a casa ou *ättä*, réplica do mundo celeste? *Wätunnä*. Onde se aprende a preparar os

alimentos de maneira adequada? *Wätunnä*. Onde se aprende como deve se comportar um verdadeiro ye'kuana? *Wätunnä*. Onde se aprende como e quando devem ser realizadas as festividades? *Wätunnä*.

As histórias *wätunnä* são passadas através das gerações, via de regra oralmente, e há diversos níveis de conhecimento que se pode atingir. Todo indivíduo ye'kuana, homem ou mulher, conhece em alguma medida ao menos as principais histórias *wätunnä*, aquelas sobre os temas mais debatidos, como o surgimento do mundo e dos seres que nele habitam. Em geral, as mulheres são as que detêm menor conhecimento sobre *wätunnä*; mesmo alguns rapazes muito jovens por vezes sabem mais histórias do que mulheres mais velhas, caso estejam interessados em dedicar-se à aprendizagem de *wätunnä*. Esse processo de aprendizagem, que dura toda a vida, poderá transformar o estudioso em um historiador, um especialista a quem se recorre sempre que é necessário e que fica responsável pelo treino de estudantes da nova geração.

Há diversas regras que regem o mundo de *wätunnä* e que tornam esse *corpus* de conhecimento singular. Ao contrário da História ocidental (leia-se História como matriz disciplinar), ela não é uma mera narrativa do passado e sua conseqüente análise, pois se, de fato, narra acontecimentos do passado, o tempo cronológico aqui, crucial na narrativa histórica, não é fator determinante (embora isso não signifique que não exista um encadeamento entre as histórias). Também não é possível afirmar que *wätunnä* é apenas um conjunto de leis, um código ideológico, pois, apesar de trazer em seu bojo leis e códigos morais, também narra eventos. Apressadamente poderíamos dizer, como de fato fizeram alguns missionários – há uma tradução da Bíblia feita por missionários na Venezuela chamada *Wanaadi a'deddu*, que poderíamos traduzir como “Palavras de Wanaadi”, personagem central em *wätunnä* – que *Wätunnä* representa para os Ye'kuana aproximadamente o que representa a Bíblia para os cristãos, mas essa comparação torna-se frágil quando atentamos para o fato de que embora *wätunnä* seja um código moral, religioso, narrando acontecimentos e eventos que constroem o *codex* simbólico-cultural para os Ye'kuana, assim como a Bíblia para os cristãos, ele supera-a em unicidade, pois é a única fonte de sabedoria verdadeira e contém *toda e qualquer* verdade que se pode aprender ou atingir. Mesmo o mais fervoroso cristão que, em nome da sua fé, renegue todas as teorias científicas sobre o surgimento da vida na Terra, admite a existência de outros códigos que norteiam a sua vida em sociedade, outras leis e narrativas históricas. Já para um Ye'kuana, não há outro conhecimento além de *wätunnä*. Tudo aquilo que diz respeito ao que podemos entender como

cultura, como algo a ser apreendido, adquirido ao longo da vida, está contemplado em *wätunnä*. Naturalmente, isso exclui o aprendizado daquilo que é estranho à cultura ye'kuana, como veremos mais adiante. Os Ye'kuana procuram aprender cada vez mais sobre a cultura dos "brancos", seja na escola, seja na operacionalização de tecnologias que acreditam possam ser úteis à sua vida – uma vez que este conhecimento não lhes é revelado em *wätunnä*. Ironicamente, também a Bíblia pode ser explicada por *wätunnä*, pois ela não passa de uma artimanha de *Wanaadi* para enganar Odo'sha, seu oponente, epítome das forças negativas. *Wätunnä* explica também a existência das diferenças culturais e da dominação tecnológica, que apontam como fator característico dos "brancos". Por serem os brancos donos dos aparatos tecnológicos, *wätunnä* não contém ensinamentos sobre como manejá-los, e é por isso que os Ye'kuana precisam adquirir este aprendizado diretamente dos brancos, fato importantíssimo ao qual voltarei. Para se ter uma idéia, pois, da dimensão de *wätunnä*, seria como se tentássemos contar toda a história da humanidade desde o surgimento da terra, após o *Big Bang*, em uma única narrativa, detalhada, que contaria a história de todos os povos e culturas conhecidos.

Há certa aura ritual no processo oral de contar uma história, um protocolo a ser seguido, por diversas razões. Em primeiro lugar, não podemos esquecer a natureza sagrada das histórias, que são narrativas dos acontecimentos ancestrais envolvendo importantes personagens que deixaram lições aos seus descendentes. Sendo assim, há ocasiões adequadas para narrar uma história. Ressalto aqui a existência de três níveis de profundidade das histórias, embora David Guss (1989) afirme serem apenas dois: uma versão mais resumida, com foco no caráter anedótico, e a versão completa, secreta e sagrada, reservada aos rituais. Acrescento mais um nível, ou ainda, subdivido o nível anedótico em dois; de fato, existem versões resumidas das histórias, destinadas ao cotidiano, porém, se há aqui um "resumo do resumo", este, sim, contado anedoticamente, há uma versão mais completa, ainda que resumida, que também obedece a um protocolo e deve ser contada em ocasiões específicas.

Cada vez que se dá um acontecimento na aldeia que tenha relação com qualquer história, esta é contada pelos homens na *ättä*, a casa comunal, para que todos ouçam. Nessa ocasião, os homens mais velhos e conhecedores das histórias aproveitam para discutir versões, acrescentar detalhes à versão dos outros, esclarecer dúvidas e passar o conhecimento aos mais novos. Um exemplo concreto se deu quando eu estava recém-chegada à aldeia de Auaris, num evento desencadeado por uma picada de cobra. Uma mulher ye'kuana fora picada por uma jararaca e,

imediatamente, os homens se reuniram na *ättä*. Inicialmente, disseram-me que um dos velhos convocaria as mulheres para colher plantas mágicas que seriam levadas à *ättä* para serem rezadas e depois todos deveriam tomar banho com as ervas, de modo a proteger a comunidade, pois uma vez que um de seus membros fora picado por uma cobra, animal considerado *odo'sha*, toda a comunidade tornava-se vulnerável, seja a novos ataques, seja à influência maligna de *odo'sha* sob outras formas. Iniciava-se um período de reclusão de cerca de quatro dias, durante o qual era proibido qualquer tipo de trabalho, exceto a preparação de alimentos, bem como a saída de qualquer membro dos limites da comunidade; até a ida às roças para apanhar alimento deveria ser reduzida ao mínimo essencial à sobrevivência, e ninguém deveria andar desacompanhado. Eu estava na aldeia há pouco mais de uma semana, a língua era uma barreira e me comunicava apenas em português. Observando a reunião na *ättä*, percebi que os homens repetiam nomes diversas vezes e pareciam narrar eventos. Então, um jovem sentado ao meu lado, fluente em português, disse-me que o homem contava como o primeiro Ye'kuana havia sido picado por uma cobra, e passou a traduzir a fala dos outros para mim. Dei-me conta de que estava em curso a narrativa de uma história *wätunnä* (descrita em Civrieux, 1980 e Guss, 1989). Comecei a registrar tudo o que o jovem ia traduzindo e após o término da reunião procurei vários instrutores e, assim, fui paulatinamente sendo introduzida no mundo de *wätunnä*.

As versões contadas quando do acontecimento de eventos são mais completas que as versões “anedóticas” e mais resumidas que as versões reservadas a rituais, sendo que estas últimas nunca são contadas, mas cantadas. As canções podem ser de dois tipos: *a'chudi*, cânticos usados para diferentes finalidades, menos complexos e mais difundidos. É comum homens e mulheres mais velhos conhecerem ao menos algumas *a'chudi*, como a destinada a purificar os alimentos a serem ingeridos pela primeira vez por uma criança ou a serem consumidos por uma menina que acaba de ter sua menarca, ou ainda para proteger um recém-nascido. O outro tipo de canção são as *ädemi*, que efetivamente narram as versões completas de *wätunnä* e são c(o)antadas em ocasiões especiais, como a festa que comemora a derrubada da mata e plantação de roças novas, *ädwaajä edemijödö* (*ädwaajä* = roça), festa que pode durar até quatro dias, durante os quais o cantador entoava a *ädemi*, que narra detalhadamente, neste caso específico, como os ancestrais ye'kuana plantaram a primeira roça e como fizeram a primeira festa depois do trabalho encerrado, e celebrar a colheita que viria em breve. Por outro lado, os historiadores

ye'kuana também narram a história de como tudo isso aconteceu, relatando os eventos principais. Quando afirmo que esta versão narrada é resumida, não significa que sejam omitidos eventos, pois as canções não narram apenas, elas têm um ritmo próprio quase hipnótico, em que o cantor, em monocórdio, descreve eventos, chama por ancestrais ye'kuana, evoca símbolos cosmológicos, tudo isso entremeado com a narrativa, fazendo com que novos acontecimentos sejam seguidos de versos extenuantemente repetidos, como em refrão. Na versão contada, os acontecimentos são narrados de maneira formal e as referências a símbolos cosmológicos muitas vezes estão nas entrelinhas, expressos em formas condensadas cujo significado me escapava.

As versões anedóticas, por sua vez, são como “pílulas” que, simplesmente, são ditas por aqueles que conhecem as histórias porque já ouviram de outros, mas não sabem contá-las integralmente, ou quando apenas se deseja responder às perguntas de uma criança curiosa ou diminuir a ignorância da antropóloga recém-chegada sobre os mistérios do mundo ye'kuana. Por que o papo do jacu é vermelho? Porque um dia ele engoliu o fogo que Iudeeke e Shichamöna haviam roubado do sapo e escondido em uma montanha. Por que a superfície da lua é coberta de manchas escuras? Porque ele (lua para os Ye'kuana é um substantivo masculino) tentava enganar a irmã durante a noite, deitando-se em sua rede na escuridão para que não fosse descoberto e, um belo dia, para identificar o culpado, ela sujou as mãos e a vagina com tinta de jenipapo e passou no rosto de lua durante a visita noturna, identificando-o de manhã. Todas essas explicações são retiradas de histórias das quais esses eventos fazem parte. As versões completas são contadas pelos historiadores e aqueles que as ouvem guardam na memória as explicações para as coisas do mundo e os ensinamentos morais retirados delas.

Apesar de serem boas para passar o tempo nas noites monótonas em que as fofocas não rendem, ou para demonstrar ao neófito quão grande é a sua ignorância, para os iniciados essas “pílulas” também exercem uma outra função. Como a *madeleine* de Marcel, personagem de Proust em *Em busca do tempo perdido*, as pílulas remetem narrador e ouvinte iniciados às histórias que são velhas conhecidas. Elas os transportam ao momento do passado em que lhes foi revelada uma história *wätunnä*, reavivam em sua memória o ensinamento dos antigos, às vezes, com uma simples frase. Como diria Lévi-Strauss, as “pílulas” *wätunnä* são boas para pensar, ou, como disse Basso (1988), são “âncoras”, que evocam imagens, remetem os iniciados a um mundo de significados, de lições morais e códigos de conduta.

Desnecessário dizer o quanto o conhecimento *wätunnä* é valorizado e respeitado pelos Ye'kuana. O *status* que pode atingir um renomado historiador é tão alto quanto o de um verdadeiro *föwai*. Quando me diziam da importância dessas duas personagens em suas vidas, mais de um Ye'kuana comparou o processo de aprendizagem e formação tanto de um historiador quanto de um *föwai* com o estudo da medicina, seu exemplo por excelência de um árduo caminho de formação entre os brancos. Para eles, assim como entre os brancos, apenas grandes homens dotados de muita inteligência tornam-se médicos, somente um grande Ye'kuana, de notável inteligência e com muita dedicação, poderá tornar-se um historiador ou *föwai*. O treinamento de um jovem aprendiz é árduo e há um longo caminho a ser trilhado até que possa ser considerado um verdadeiro *föwai*. Além da dedicação aos ensinamentos do mestre, o aprendiz deve abrir mão de uma série de coisas de que os Ye'kuana gostam: sal, diversas carnes e mulheres. Mesmo depois de formado, ele viverá uma vida de austeridade.

Assim como o *föwai*, o futuro historiador precisa adotar uma vida dedicada à aprendizagem do ofício. Também deverá abrir mão do consumo de diversos alimentos, o que contribuirá para que suas capacidades intelectuais estejam cada vez mais aguçadas. Um bom historiador deve ser dotado de uma grande inteligência e boa memória para reter a tradição que lhe é revelada oralmente.

As histórias são contadas de preferência na madrugada, porque durante o dia os pássaros escutam e carregam a história consigo, então, o aprendiz ouvirá, mas não memorizará os ensinamentos de seu mestre. Assim, quando à noite todos repousam depois de um dia de trabalho, o aprendiz procura seu mestre em busca de novas lições. Na manhã seguinte, mais uma vez a lida diária o aguarda – não há privilégios de lazer diferenciado para os especialistas ye'kuana.

Desde o início de minha estada em Auaris, os Ye'kuana diziam-me: “Agora quase não há mais cultura ye'kuana. Nossos jovens não querem mais aprender as coisas da nossa cultura com os velhos, só querem estudar a história dos brancos. Ninguém mais sabe contar histórias, não há mais nenhum pajé. Só tomamos remédio de branco hoje em dia. Em pouco tempo, esqueceremos nossa língua também”. Ouvi diversas vezes esses lamentos, que me eram ditos em um tom pesaroso pelos homens. Eles me diziam ainda que queriam começar a escrever tudo o que ainda se sabia sobre as histórias, reunir os fragmentos em cadernos, para que “salvassem” o pouco que lhes restava. Entretanto, começou a surgir diante de meus olhos uma outra situação, que me levou a interpretar esses lamentos de maneira diversa⁸.

Após o episódio, relatado acima, do acidente ofídico sofrido pela mulher e que desencadeou a narração de uma série de histórias, fui aos poucos descobrindo que não podia levar tão ao pé da letra a afirmação dos Ye'kuana de que ninguém mais na comunidade sabia "as histórias e conhecimento da cultura ye'kuana". Não só Luís, o historiador recém-chegado da Venezuela para viver em Auaris, mas outros homens de Auaris revelaram-se conhecedores de *wätunnä*. Após o acidente, tendo sido informada que Luís era filho de um famoso historiador, já falecido, e que havia aprendido as histórias com seu pai, procurei-o e relatei-lhe meu interesse em conhecer as histórias. Ele aceitou ser meu instrutor e combinamos um encontro em minha casa, com mais dois homens que seriam os tradutores, pois ainda que Luís fosse fluente em espanhol, as histórias teriam que ser contadas em Ye'kuana. Rapidamente espalhou-se pela comunidade a notícia de que Luís estava me contando *wätunnä*, o que levou vários jovens e homens já adultos a aparecerem em minha casa durante nossas primeiras sessões. Passamos a nos reunir então durante a noite na *ättä*, a casa comunal⁹, com grande assistência. Os homens aproveitaram para levar adiante o projeto que já era de meu conhecimento: escrever as histórias. De fato, vários deles já tinham algumas histórias escritas em cadernos que levavam para os encontros na *ättä*. Luís iniciava o relato enquanto outros, entre eles meu jovem tradutor, aproveitavam para anotar as histórias em seus cadernos. Entretanto, Luís não narrava as histórias sozinho, pois outros homens iam acrescentando detalhes à narrativa e passavam a discutir diferentes versões. Descobri que muitos dos que me diziam nada saber, ou saber "apenas um pouquinho, quase nada", conheciam muito de *wätunnä*. Logo eu saberia que essas afirmações não eram uma escusa para escapar da árdua tarefa de contribuir com meu trabalho, mas, sim, a expressão de uma das mais fortes características do *ethos* ye'kuana: a incrível busca pela perfeição, tão idealizada que leva muitos a acreditarem que não têm determinada habilidade, ainda que aos olhos de um forasteiro pareçam exímios especialistas.

Por volta de nossa terceira sessão, foi-me contada a profecia. As histórias *wätunnä*, embora componham um ciclo que descreve desde a criação do mundo até o seu fim, passando pelos dias de hoje, não são contadas segundo uma ordem, pois são independentes umas das outras, uma vez que descrevem eventos autônomos. Tais eventos são relatados segundo a ocasião exige, como no episódio do acidente ofídico, em que foi descrito o surgimento das cobras nesta terra. Se houvesse uma ordenação das histórias, o que aqui chamo de profecia seria o *grand finale*, mas não há, ela foi-me contada logo que comecei a entrar no mundo de

wätunnä. Só posteriormente ela passaria a fazer sentido, mas no momento em que a ouvi pela primeira vez não fez, absolutamente, nenhum. Para expressar um pouco do meu espanto inicial, reproduzo abaixo um trecho de meu diário de campo escrito naquela mesma noite:

Contaram-me hoje sobre o futuro dos Ye'kuana. Segundo previram os antigos föwai, o fim da etnia não será nenhum tipo de grande catástrofe, epidemia ou guerra. Não será uma exterminação física, mas cultural. Como já haviam me dito, os antigos previram o que está acontecendo hoje: com a chegada da escola, os jovens esqueceriam os ensinamentos dos velhos, perderiam o interesse por tudo o que diz respeito à cultura Ye'kuana e desejariam ser como os brancos. Hoje, contaram-me o capítulo final dessa história: o destino dos Ye'kuana é misturar-se cada vez mais aos brancos e assim perder sua identidade paulatinamente. Esquecerão sua língua, casarão com os brancos, perderão toda sua cultura. Muitos cometerão suicídio. Então, quando não houver mais nenhum Ye'kuana, Wanaadi acabará com esse mundo. Antes mesmo que eu perguntasse por que deixaram que os jovens estudassem, por que apoiaram a escola desde o início, por que chegaram a comprar uma casa em Boa Vista para que os rapazes continuassem seus estudos, eles me contaram que os antigos diziam que o destino deles já estava traçado e era inevitável. Eles não conseguiriam impedir o que estava por vir. Ainda assim me pareceu inacreditável que eles passassem a apressar seu "fim", ao invés de lutar para postergá-lo até onde permitissem suas forças. Saí da *ättä* aturdida. Será que de fato estes homens acreditam que não há nada que se possa fazer, além de cruzar os braços e assistir ao fim de seu povo, assistir os jovens se matando, porque esse é seu destino?

Naquele momento, pouca coisa fazia sentido. Porém, com a perspicácia que lhes é peculiar, os Ye'kuana não haviam me contado realmente todo o "capítulo final", como se desejassem que eu refletisse longamente sobre ele, como fazem com os jovens aprendizes de *wätunnä*. Somente no encontro seguinte, quando cheguei com tantas questões em mente, pude entender o que era o "destino final": era apenas o prelúdio de um novo começo. Assim como das outras vezes, o fim deste ciclo daria lugar a um novo, em que os Ye'kuana retornariam e teriam a chance de dominar o conhecimento que hoje os aprisiona: a tecnologia e o saber dos brancos. A figura de *Iadanaawi*, o homem branco, não seria mais associada ao ferro, que lhe permitiu dominar o mundo tecnologicamente. Esse conhecimento seria dado, no novo ciclo, aos Ye'kuana. Assim, ao "apressarem" o seu próprio fim, como a mim me parecia, eles preparavam-se para o recomeço, aprendendo o máximo que podiam, acumulando conhecimento para o retorno triunfal.

A análise da profecia contida em *wätunnä* revela não só a perspectiva de futuro dos Ye'kuana, mas toca em pontos fundamentais para o entendimento de seu *ethos*. É na profecia que está a chave para o entendimento da lógica ye'kuana, segundo a qual a vida na terra, embora eivada de sofrimento, é fundamental para o futuro glorioso que os espera. Por um lado, se o povo de *Wanaadi* já possui o conhecimento do que é o comportamento adequado a um verdadeiro ser humano, revelado em *wätunnä*, por outro, falta-lhe o conhecimento técnico para dominar o mundo no qual viverão este futuro glorioso. Esse conhecimento técnico é adquirido a duras penas no convívio com os brancos, com os quais aprendem também quais erros devem evitar, para que *Wanaadi* não fique insatisfeito e, mais uma vez, ponha fim ao mundo em que, finalmente, triunfarão. Existir neste mundo para os Ye'kuana é sofrer, aprender e acumular conhecimento.

Analisar as histórias *wätunnä* é, pois, analisar o código moral ye'kuana que guiará essa experiência mundana. Mas, de qual *versão wätunnä* estamos falando? Naturalmente, está excluída aqui a versão mais telegráfica, incapaz de revelar de fato que valores estão em jogo. Restam a versão contada cotidianamente, suscitada por eventos do dia-a-dia ou pela necessidade de evocar determinados valores morais, e a versão mais detalhada, reservada aos rituais e festividades, cantada através de *ädemi* (as canções rituais que narram os mesmos eventos). Para efeito da análise pretendida aqui, opto por considerar a primeira dessas duas versões, por motivos diversos. Primeiramente, são essas as histórias passadas todos os dias às crianças e jovens, de forma que é com elas que estes crescem e constituem noções de moral e constroem sua *persona* social. Sendo assim, a partir dessas versões de *wätunnä*, o indivíduo tem acesso ao modo próprio de ser ye'kuana durante o processo de socialização. Ademais, a linguagem das canções é dominada por poucos. Mesmo homens experientes nos assuntos de *wätunnä* relataram-me em diversas ocasiões que a linguagem utilizada nas canções para narrar os mesmos eventos descritos em *wätunnä* era totalmente desconhecida da maioria dos ye'kuana, incluindo eles mesmos. Trata-se de um idioma de especialistas, enquanto as histórias contadas são compreendidas até pelas crianças. O vocabulário próprio do estilo cantado nas canções é distinto do estilo contado (que é o mesmo usado no dia-a-dia). Dominado por poucos, não se presta à análise do *ethos* ye'kuana mais geral, nem dos valores passados aos indivíduos no processo de socialização, ou do processo de formação moral do “verdadeiro” Ye'kuana.

A análise das histórias *wätunnä*, portanto, é parte de uma estratégia de reconstituição dos valores constitutivos da cultura ye'kuana, possibilitando, assim, ao antropólogo a elaboração de um instrumento que evidencie a lógica que rege a experiência ye'kuana de ser e estar no mundo. Em *wätunnä* estão presentes os principais temas da vida ye'kuana, ora num tempo ahistórico, em que receberam os ensinamentos dos demiurgos, ora num tempo histórico, em que experiências vividas por seus ancestrais interferiram diretamente em sua visão de mundo e deixaram lições para o presente.

Embora a profecia seja o capítulo final dessa grande narrativa, ela está presente, de forma silenciosa, no cotidiano ye'kuana. O que e como se vive hoje é informado pela profecia, como um destino já traçado. Portanto, é necessário tê-la presente ao longo da leitura deste trabalho, pois os Ye'kuana a têm em mente, guiando sua existência.

O ciclo de vida na terra que está em curso é a terceira tentativa de Wanaadi de criar uma terra boa para se viver, depois que as outras duas fracassaram. Nos ciclos anteriores, os *so'to*¹⁰ decepcionaram Wanaadi, ao desejarem tomar seu lugar. Talvez isso explique porque os Ye'kuana estão sendo punidos neste terceiro ciclo. Entretanto, como nos mostrou a profecia, desta vez, devido ao desrespeito de Iadanaawi pela ordem estabelecida por Wanaadi, também este ciclo está fadado ao fim, dando lugar a um novo. A vida neste ciclo resume-se na batalha contra Odo'sha. Viver é estar em constante luta contra a influência maléfica dele, que reina na terra desde a partida de Wanaadi. Uma terra governada por Odo'sha não poderia, de fato, vingar. Os Ye'kuana, conhecedores dos ensinamentos de Wanaadi através das *wätunnä* passadas de geração a geração, serão poupados do sofrimento final, enquanto Iadanaawi, que fechou os ouvidos às palavras de Wanaadi e passou a agir sob a influência de Odo'sha, sofrerá com um fim terrível. Como recompensa por ter abandonado os Ye'kuana à sua própria sorte, ao deixar a terra, Wanaadi iniciará o novo ciclo legando a eles todo o poder sobre os outros povos. Quando Wanaadi voltar, reunirá todos os povos e perguntará, a um por um: quem sou eu? Todos, Iadanaawi, Sanumá, Waiwai, Macuxi, dirão "não sei". Apenas os Ye'kuana responderão, você é Wanaadi, e este dirá, vocês são meus filhos, meu povo, vocês não mentem. Então, os Ye'kuana serão recompensados.

A profecia de *wätunnä* incita os Ye'kuana a buscarem o conhecimento que está nas mãos do Outro. No começo de sua jornada neste mundo, os humanos precisaram conquistar bens e saberes dos animais; posteriormente, fez-se necessário negociá-los entre os próprios humanos.

É preciso ver, saber, conhecer, acumular – assim lhes diz *wätunnä*. Tal acumulação, num capitalismo *à la* Ye'kuana, dá-se no sentido de prover um corpo de conhecimento que funciona como pré-requisito à posição que ocuparão no próximo ciclo. De acordo com a conduta ideal ye'kuana, em que a agressividade não tem lugar, a conquista desse conhecimento seguiu, ao longo da história recente, o princípio do pacifismo. Para cumprir tal tarefa com sucesso, os Ye'kuana partiam em expedições carregando as armas adequadas – ralos, *wajaa* (tipo de balaio), tipitis e demais bens cuja posse lhes foi dada por Wanaadi. Munidos destes bens, os Ye'kuana empreendiam as trocas necessárias ao seu propósito de obter o conhecimento de tudo aquilo que Wanaadi criou e distribuiu entre os povos.

A necessidade ye'kuana de acumular conhecimento, saberes e práticas traduziu-se em longas viagens comerciais através das quais, embarcados em suas renomadas canoas, mantinham contato com uma vastíssima rede de parceiros pelo maciço das Guianas e além, consolidada ao longo do tempo, incluindo, mais recentemente, o comércio com os brancos. Esses argonautas do Orenoco e seus afluentes empreendiam extensas jornadas comerciais muito antes da chegada dos colonizadores (Arvelo-Jiménez 1989), em um primeiro momento, quando o tom das relações ainda era amistoso, estes passaram a ser apenas novos parceiros situados em sua rede de comércio.

Com a dispersão dos Ye'kuana, pós-contato, outra modalidade de comércio ganhou fôlego: as trocas entre os próprios Ye'kuana, para fazer circular os bens estrangeiros a que alguns tiveram acesso, trocando também saberes e informações. Todas as negociações comerciais nas quais se engajam os Ye'kuana são orientadas pela ética moral de *wätunnä* e sua profecia.

São as trocas comerciais que darão o tom inicial das relações do colonizador com os Ye'kuana. Os brancos são “cosmologizados” pelos Ye'kuana que os inserem na rede de relações comerciais com povos estrangeiros, na incessante busca por conhecimento, parte de sua preparação para o novo ciclo. Como entre os Xikrin, também para os Ye'kuana as mercadorias dos brancos “foram antes causa que efeito do contato” (Gordon, 2006).

Os Ye'kuana assumem plenamente a posição de agentes da situação de contato com os brancos, pois têm a possibilidade de escolher quanto contato querem ter, graças às condições favoráveis de sua situação territorial. Não apenas as trocas, mas o trabalho remunerado para os brancos era bastante comum nas viagens comerciais que empreendiam. A duração das expedições dependia das condições de cada viagem e do

que se queria adquirir, podendo o trabalho nas fazendas dos arredores de Boa Vista durar um ano ou mais. Isso não alterava em nada o lugar das expedições na cosmologia ye'kuana, pois tais relações de trabalho eram uma oportunidade de passar períodos junto com os brancos, acumulando conhecimento, inclusive da língua portuguesa.

No período do garimpo na Terra Indígena Yanomami, na década de 1980, as viagens comerciais dos Ye'kuana já estavam em decadência. Com a presença de outros atores na área, como os militares, a Funasa, Funai, além de missionários da MEVA, notícias e bens chegavam até Auaris sem que os Ye'kuana precisassem se deslocar de canoa até Boa Vista. Foi também nessa década que um grupo de jovens foi para Boa Vista estudar, permanecendo inicialmente na casa de conhecidos dos pais, amizades cultivadas justamente através das viagens comerciais e do trabalho nas fazendas. Esses jovens passaram a ser o maior elo entre o mundo da cidade e Auaris. Com o crescimento da escola de Auaris, fundada em 1983 por uma missionária da MEVA, as viagens fluviais foram, finalmente, deixadas de lado. Os jovens passaram a estudar por meio período e não tinham mais o tempo necessário para dedicar-se às longas viagens. Inaugura-se uma nova maneira de adquirir conhecimento, já que os bens chegam com os brancos, que se tornaram presença regular na área. O comércio deixa de ser o único meio de aquisição de bens industrializados, passando a coexistir com novas fontes de riqueza, com as profissões introduzidas na realidade ye'kuana através das três principais instituições presentes na área: exército, escola e saúde.

O comércio com os brancos ganha nova dimensão não só com a introdução do trabalho assalariado, quando deixa de ser fonte exclusiva de acesso a bens, mas com a presença regular dos brancos na área. O comércio com os brancos em Boa Vista limita-se às viagens para tratamento de saúde, quando os Ye'kuana eventualmente vendem alguma peça de artesanato na CASAI. Na área, os produtos confeccionados pelos Ye'kuana já são bem conhecidos e existe um sistema de encomendas, feitas, principalmente, pelos funcionários da FUNASA e militares.

A profecia de *wätunnä* levou os Ye'kuana a desenvolver seu espírito empresarial através das trocas comerciais, buscando adquirir o conhecimento dos brancos para que assumam seu lugar no próximo ciclo. Essa mesma ética descrita em *wätunnä* determina que é preciso compartilhar esse conhecimento com todos os Ye'kuana, ao contrário do que fazem os brancos, que são avaros com os seus próprios semelhantes. Há toda uma rede de trocas que conecta as diversas aldeias ye'kuana, fazendo com que bens e conhecimento circulem.

Os valores últimos da cultura ye'kuana, condensados em *wätunnä*, impulsionam os indivíduos não apenas a trabalhar incessantemente, mas a transformar o trabalho em instrumento para acumular conhecimento, preparando-se para o ciclo que está por vir. Há que resgatar o conhecimento que está disperso pelos povos estrangeiros, conhecimentos que não se tem tradicionalmente e é preciso acumular. No passado, conquistou-se o conhecimento dos animais, retirando-lhes a condição de humanidade da qual os homens então se apoderaram com exclusividade, usando truques ou mesmo a força. Agora, é necessário conquistar o conhecimento que não se tem, mas de maneira pacífica. Foi o ideal pacifista que fez com que os Ye'kuana embarcassem em suas canoas para comerciar com outros povos. O resultado do acúmulo de conhecimento e bens adquiridos por meio do comércio deve ser acessível a todos. A lição de Wanaadi é clara: no ciclo vindouro, os Ye'kuana terão todo o conhecimento e bens a seu serviço, assim como os brancos têm no presente; entretanto, comportando-se de forma avara com seus semelhantes, como fazem os brancos, os Ye'kuana perderão tudo, pois Wanaadi não hesitaria em encerrar mais uma vez o ciclo, por isso, esses bens e conhecimento devem ser usados em benefício de todos.

Mais recentemente, a decadência das expedições comerciais, acentuada pela presença da escola na aldeia, que se torna o veículo principal de acesso ao conhecimento dos brancos que se pretende adquirir, traz à tona o aparente paradoxo dessa busca dos ye'kuana por tal conhecimento. Uma vez que os brancos, de acordo com a profecia de *wätunnä*, são o signo da morte cultural dos Ye'kuana, estariam estes apressando seu fim? A resposta para tal enigma só pode se encontrada se analisamos a fundo a ética ye'kuana revelada por *wätunnä*.

Creio que é na valorização do conhecimento, seja ele o conhecimento tradicional ou o adquirido na relação com outros povos, que a ética ye'kuana se baseia. Ninguém sabe tudo e todos sabem alguma coisa, o que fornece status a todos os homens, ou a todos os que trabalham e procuram o conhecimento. É por isso que ter o conhecimento dos brancos não confere status maior aos jovens professores do que os velhos líderes detentores do saber tradicional. Na medida em que os jovens professores se dedicaram a aprender as coisas dos brancos, não puderam se aprofundar no conhecimento tradicional resguardado pelos velhos sábios. Os jovens dedicam-se à aprendizagem do conhecimento necessário ao próximo ciclo, mas, ao mesmo tempo, para levar adiante tal empresa, tornam-se portadores dos sinais da morte cultural: especialmente por meio das escolas. Para retardar a morte iminente, os jovens aprendizes

precisam do conhecimento tradicional dos anciãos. As duas metades complementam-se, necessitam uma da outra para sobreviver como verdadeiros Ye'kuana, antes que *Wanaadi* ponha fim ao ciclo atual.

O dilema dos Ye'kuana surge quando esses dois caminhos se desencontram. O grande paradoxo que a escola representa – por ser um dos signos da destruição e morte da cultura – se reflete nas representações que os Ye'kuana fazem dela. A geração que lutou pela criação da escola em Auaris hoje lamenta as transformações sociais recentes, apontadas como fruto da educação à moda ocidental. A sedentarização da população, o impacto negativo nas atividades tradicionais e o desrespeito pelos velhos são apontados como os grandes problemas surgidos desse paradoxo, cuja face agonística aparece nos suicídios de jovens, homens e mulheres, que têm assombrado a comunidade nos últimos anos. A maior parte dos velhos associa os suicídios à escola. As gerações mais jovens têm contato com o mundo dos brancos através da escola, que lhes possibilita ter uma profissão e ingressar nesse mundo novo, quando abrem mão do conhecimento tradicional e “querem ser como os brancos”. A escola, nesse discurso, representa, portanto, o contato com uma realidade que lhes é alheia. A proposta inicial da escola foi subvertida: a intenção era adquirir o conhecimento dos brancos e preparar-se para o ciclo vindouro, mas sem abrir mão do conhecimento tradicional. Os jovens, porém, deixaram de lado o conhecimento tradicional e puseram em risco o projeto das gerações anteriores.

Surpreendidos com o poder transformador da escola, muito mais insidioso e potente do que as armas de fogo, os velhos guardiões ye'kuana carregam ainda a culpa de terem trazido para dentro da aldeia o germe da destruição e morte. Por outro lado, os professores, usando a seu favor o caráter fatalista da profecia, se perguntam “será que se não tivesse escola ia ser diferente?” Para eles “está nas nossas mãos decidir qual escola queremos. A nossa língua nós não vamos perder, por causa da escola. Nós professores é que temos que lutar por isso.” Só a história nos dirá se os Ye'kuana serão capazes de se reinventar uma vez mais.

Notas

¹ Os dados populacionais referentes a Pedra Branca e Fuduwaaduinha resultam de censo por mim realizado, atualizado em dezembro de 2006.

² Demiurgo, herói do ciclo de criação Wätunnä.

³ O beiju de mandioca, como foi dito anteriormente, é a base da alimentação Ye'kuana. Além do beiju preparado diariamente antes das refeições, as mulheres separam alguns

beijus que deixam secar ao sol até que fiquem duros, como se houvessem sido torrados, ficando com textura semelhante aos nossos biscoitos “água e sal”. Depois desse processo, os beijus podem ser armazenados por dias sem que estraguem.

⁴ Gente ou pessoa, conceito relativo apenas aos Ye’kuana.

⁵ Há uma versão em que, embora o conteúdo da profecia seja o mesmo, quem retornará será Kuyujani, herói enviado a Terra por Wanaadi para demarcar o território tradicional Ye’kuana (Jiménez, 1994, 2001).

⁶ Cajushäwa, o opositor de Wanaadi, representa a força negativa. Odo’sha são seres malignos que podem assumir formas diversas, comandados por Cajushäwa para exercer o mal. Assim como na mitologia cristã existem vários demônios e se pode falar em ‘o demônio’, aqui se fala em Odo’sha ora no plural, ora no singular. Cajushäwa, assim como Lúcifer, é reconhecido como a entidade negativa superior, o anti-herói que comanda seu ‘exército do mal’.

⁷ Lauer (2005) passou por situação bastante similar ao realizar pesquisa com duas comunidades ye’kuana na Venezuela. Em uma passagem de seu texto, ele afirma que “para tudo há wätunnä, diziam os Ye’kuana, e é impossível construir um modelo da situação atual sem um entendimento de como o cosmos é ordenado e como o mundo surgiu...” (minha tradução).

⁸ Ramos (1980) relata que já nos anos 70, quando realizou pesquisa junto aos Sanumá e Ye’kuana de Auaris, os Ye’kuana afirmavam que sua cultura estava fadada ao fim, praticamente esquecida.

⁹ Trata-se, na realidade, de uma construção ampla onde os homens se encontram todas as noites para conversar e fumar e onde ocorrem os eventos festivos da comunidade – uma espécie de centro comunitário.

¹⁰ Gente ou pessoa, conceito relativo apenas aos Ye’kuana.

Referências

- AMODIO, Emanuele; BIOD, Horacio; ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly; MORALES-MÉNDEZ, Filadelfo. *La situación actual de los Kari’ñas*. Caracas: IVIC/MLAL, 1991.
- ANDRADE, Karenina Vieira. *A ética ye’kuana e o espírito do empreendimento*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Universidade de Brasília.
- ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly. *Relaciones políticas em una sociedad tribal*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.
- _____. Influencias aculturativas en el área marginal-fronteriza de Venezuela. *América Indígena*, n.1, v. 34, 1974b.
- _____. *Movimientos Etnopolíticos Contemporáneos y sus raíces organizacionales en el Sistema de Interdependencia Regional del Orinoco*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. (Série Antropologia, n. 309).
- _____. Perspectivas y lecciones. In: JIMÉNEZ, Simeón; ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly (ed.). *Atlas Dekuana*. Caracas: Asociación Kuyujani Originário y Asociación Outro Futuro, 2001b.
- ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly; MORALES-MÉNDEZ, Filadelfo; CASTILLO, Horacio Biord. Repensando la historia del Orinoco. *Revista de Antropología*, Bogotá, n. 1-2, v. 5, 1989.

- BARANDIARÁN, Daniel. Civilizaciones índias actuales de la Guayana venezolana. *América Indígena*, n. 1, v. 34, 1974.
- BASSO, Keith. Speaking with names: language and landscape among the Western Apache. *Cultural Anthropology*, n. 2, v. 3, 1988.
- CIVRIEUX, Marc de. *Watunna - an Orinoco creation cycle*. San Francisco: North Poin Press, 1980.
- GORDON, Cesar. *Economia selvagem*. Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre. São Paulo: Unesp, 2006.
- GUSS, David. *To Weave and Sing - Art, Symbol and Narrative in the South American Rain Forest*. Berkeley: University of California Press, 1989.
- LAUER, Matthew. *Fertility in Amazonia: Indigenous Concepts of the Reproductive Process among the Ye'kwana of Southern Venezuela*. Ph.D. Thesis, University of California, Santa Barbara, 2005.
- MEDINA, Domingo. From keeping it oral to writing to mapping - The Kuyujani legacy and the De'kuana self-demarcation Project. In: WHITEHEAD, Neil (ed.). *Histories and historicities in Amazonia*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2003.
- RAMOS, Alcida Rita. *Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1980.

Recebido em 5 de junho de 2009.

Aprovado para publicação em 10 de agosto de 2009.

